



AUTORAS

Matilde Gonçalves matilde.goncalves@fcs.unl.pt

Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, investigadora do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

Isabel Muniz-Lima isabelmunizlima@gmail.com

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em cotutela com a Universidade Nova de Lisboa (NOVA). Membro dos grupos de pesquisa Protexto (UFC) e Gramática & Texto (NOVA). Atua como professora temporária de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

COMO CITAR

Gonçalves. M. & Muniz-Lima, I. (2021). Tecnodiscurso, interatividade e suporte na mídia *Instagram*. *Calidoscópico*, 19(3): 306-319. 10.4013/cld.2021.193.01

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão: 06/06/2021

Aprovação: 12/09/2021

DISTRIBUÍDO SOB



Tecnodiscurso, interatividade e suporte na mídia *Instagram*

Technodiscourse, interactivity and support in the media Instagram

RESUMO / ABSTRACT

Este trabalho analisa as relações entre tecnodiscurso, interatividade e suporte na mídia *Instagram* numa confluência teórica entre Análise do Discurso Digital (Paveau, 2017), Ciências da Comunicação (Jensen, 1998; Kiousis, 2002) e Linguística Textual (Marcuschi, 2003, Gonçalves, 2013). O corpus deste trabalho é composto por cópias de tela de *stories* do jornal português *Correio da Manhã* e do jornal brasileiro *Diário Catarinense* publicados no *Instagram*. Nesta investigação, verificamos que alguns aspectos do tecnodiscurso, como a composição, a deslinearização, o aumento e a relacionalidade se relacionam diretamente com dois níveis de interatividade, o caráter dialogal e o controle do conteúdo, aumentando,

Palavras-chave:
tecnodiscurso;
interatividade;
suporte

assim, o grau de engajamento dos interlocutores em interações com a mídia *Instagram*. Verificamos também que algumas variáveis da interatividade, como o controle do conteúdo e o caráter dialogal, alteram-se em função do tipo de suporte por meio do qual a mídia *Instagram* é acessada, de modo a estimular o interlocutor a ações mais diretas e ativas na construção de sentidos. Esta investigação busca mostrar a pertinência da observação das características do tecnodiscurso aliada à investigação da interatividade e do suporte na construção de sentidos de *stories* do *Instagram*. Com esta contribuição, buscamos ampliar os estudos que relacionam tecnodiscurso a modos de interação com mídias digitais.

This paper analyzes the relations between technodiscourse, interactivity and support in Instagram media in a theoretical intersection between Digital Discourse Analysis (Paveau, 2017), Communication Sciences (Jensen, 1998; Kiousis, 2002) and Textual Linguistics (Marcuschi, 2003, Gonçalves, 2013). The corpus is composed of screen copies of stories from the Portuguese newspaper *Correio da Manhã* and the Brazilian newspaper *Diário Catarinense* published on Instagram. In this investigation, we verified that some aspects of technodiscourse, such as composition, delinearization, augmentation, and relationality are directly related to two levels of interactivity, the dialogic character and content control. Therefore, a degree

Keywords:
technodiscourse;
interactivity;
support

of engagement of interlocutors in interactions with Instagram media are increased. We also verified that some variables of interactivity, such as the control of content and the dialogical character, change depending on the type of support through which the Instagram media is accessed, in order to stimulate the interlocutor to more direct and active actions in the construction of meanings. This research seeks to show the relevance of observing the characteristics of technodiscourse combined with the investigation of interactivity and support in the construction of meanings of Instagram stories. With this contribution, we seek to expand the studies that relate technodiscourse to modes of interaction with digital media.

1. Introdução

O presente trabalho inscreve-se numa ótica interdisciplinar (Alvar Gonzales, 2011) na qual são convocadas diversas áreas do saber - Análise do Discurso Digital, Ciências da Comunicação e Linguística Textual. Partindo de uma síntese e de uma harmonização das ligações (cf. pontos seguintes) entre as diversas disciplinas convocadas, e em particular no que diz respeito às noções de tecnodiscurso, interatividade e suporte e às suas interações^[1], pretendemos realizar um trabalho coerente e holístico sobre a mídia Instagram^[2].

Articulando os trabalhos de Paveau (2017)^[3] sobre o discurso digital/tecnodiscurso, com os de Jensen (1998) e Kioussis (2002), referentes à interatividade, e à linguística textual (Marcuschi, 2003; Adam, 2008; Gonçalves, 2013), este artigo tem como objetivo observar como as características do tecnodiscurso, os níveis de interatividade e os diferentes tipos de suporte (smartphone, tablet e computador) interferem e regulam interações com *stories* do Instagram e que consequências apresentam no processo de textualização. Para tal, optamos por selecionar *stories* no Instagram de dois jornais - um brasileiro (*Diário Catarinense*) e um português (*Correio da Manhã*), ao longo do dia 24 de maio de 2021, recorrendo a cópias de tela. Para além da perspectiva interdisciplinar, este trabalho sustenta-se numa metodologia de investigação de carácter predominantemente qualitativo e interpretativo (Rastier, 2001), possibilitando um estudo aprofundado sobre os percursos do escreitador^[4], bem como a confluência do tecnodiscurso, da interatividade e do suporte na construção de sentidos dos textos na plataforma Instagram. Tendo em conta o carácter inovador do presente artigo e a volubilidade dos textos do Instagram, importa expor de modo mais extensivo os instrumentos com os quais trabalhamos, bem como a metodologia utilizada. Assim, num primeiro momento, efetuamos uma balizagem teórica constituída por três seções: i) proposta pós-dualista e tecnodiscurso de Paveau (2017); ii) interatividade e as variáveis carácter dialogal, sincronicidade e controle do conteúdo^[5]; e iii) papel do suporte na materialização dos textos. Num segundo momento, procedemos à análise e à discussão dos resultados.

Em suma, para além de contribuir para um melhor conhecimento das interações com a Instagram, pretendemos, igualmente, evidenciar as potencialidades dos estudos interdisciplinares no que toca à linguagem e comunicação, e, em particular, a textos que circulam nessa mídia digital.

2. O tecnodiscurso e a proposta pós-dualista de Paveau (2017)

Paveau (2017) inaugura uma nova perspectiva para os estudos da linguagem ao propor que as pesquisas em torno das práticas languageiras em ambiente digital on-line devem levar em consideração a matéria tecnológica. De acordo com a analista do discurso, as dimensões humana e tecnológica estão co-integradas na produção de conteúdos digitais on-line. A autora afirma que “o homem e a técnica agem juntos em um ambiente, como prolongamentos entre um e outro, o artefato prolonga as propriedades humanas e, reciprocamente, o humano é aumentado pela técnica” (Paveau, 2017, p. 248 – tradução nossa^[6]). Neste artigo, buscamos integrar esse princípio, considerado pós-dualista, porque busca superar uma visão de linguagem que entende o extralinguístico separado do linguístico, e adotar uma postura analítica que considere o tecnológico como parte da análise linguística.

O ambiente digital on-line é descrito pela autora como um conjunto de dados humanos e não humanos, que, portanto, não pode ser concebido apenas por meio da observação de aspectos estritamente linguísticos. Com essa proposta, Paveau (2017) instiga o linguista a sair da sua zona de conforto teórico-analítica e a assumir uma postura integrada e ecológica, inclusive no sentido de abrir diálogo com outras áreas do conhecimento, como a matemática, a comunicação, a engenharia da computação, entre outras.

É numa perspectiva de análise que busque uma relação entre elementos languageiros e tecnológicos que a autora caracteriza o tecnodiscurso^[7] ou as produções nativas da internet. Neste artigo, buscamos analisar de que maneira as características do tecnodiscurso podem se relacionar à interatividade e ao suporte, de modo a configurar distintos processos de construção de sentidos. Segundo Paveau (2017,

[1] Neste artigo, compreendemos a noção de interação com base na tese em andamento de Isabel Muniz Lima, que tem defendido uma ampliação para o termo, considerando-o como um processo de construção de sentidos, entre interlocutores humanos e/ou não humanos, que sofre influência de um conjunto de aspectos tecnolinguageiros, como o tipo de mídia, a interatividade, o suporte e os sistemas semióticos.

[2] Conforme detalhamos em seção adiante, assumimos mídia como todo meio tecnolinguageiro que configure os processos de coconstrução de sentidos entre interlocutores, organizando a produção e recepção de textos, fazendo-os circular e associando-se às possibilidades de interatividade. Tendo em vista essa perspectiva, portanto, o Instagram será tomado como mídia.

[3] Para este artigo foi utilizada a versão francesa de *Análise do discurso digital. Dicionário das formas e das práticas* (Paveau, 2017).

[4] De acordo com Paveau (2017), na internet, o produtor/escritor deve integrar condições técnicas aos elementos languageiros, transformando-os em endereços e ferramentas de navegação para o leitor. Este, por sua vez, pode realizar uma leitura linear ou clicar nos hiperlinks, os quais permitem que ele seja direcionado a outros textos. Para a autora, esse tipo de processo leitor pode ser entendido como uma escreitura, pois o escreitador ao mesmo tempo que lê também escreve um outro texto diferente daquele que lhe é apresentado superficialmente (p. 218).

[5] Embora não haja consenso sobre as variáveis da interatividade entre os autores que pesquisamos, optamos por selecionar as três mais recorrentes nos trabalhos dos autores investigados, propondo nomeá-las como carácter dialogal, controle do conteúdo e sincronicidade.

[6] Para este artigo foi utilizada a versão francesa de *Análise do discurso digital. Dicionário das formas e das práticas* (Paveau, 2017). Optamos, portanto, em assinalar os trechos no original, pois todos os excertos são tradução nossa. Referente a esta nota de rodapé: “l’homme et la technique agissent ensemble dans un environnement comme des prolongations l’un de l’autre, l’artefact prolonge les propriétés humaines et réciproquement l’humain est augmenté par la technique” (Paveau, 2017, p. 248).

[7] Duarte & Muniz Lima (2020 e 2021), em consonância com discussões realizadas no âmbito do grupo de pesquisa Protexto, da Universidade Federal do Ceará, defendem uma terminologia que possa se adequar aos princípios da Linguística Textual e, nesse sentido, sugerem que as produções nativas digitais das quais trata Paveau (2017) devam ser chamadas de textos nativos digitais ou tecnotextos. Neste artigo, assumimos o conceito de texto defendido em Cavalcante et al. (2019): enunciado que acontece como “evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de sistemas semióticos” (p. 26).

p. 8), diferentemente dos textos produzidos e difundidos no âmbito do pré-digital, as produções digitais nativas são concebidas e elaboradas em função da conectividade à internet, no espaço de escrita e por meio dos recursos disponíveis on-line. De acordo com a autora, o tecnodiscurso apresenta características morfográficas, lexicais, textuais, discursivas e semióticas, mas também se configura a partir de elementos técnicos, como as *hashtag*, as URLs, as ferramentas de busca, entre outros aspectos. Por isso, a linguista francesa reforça a importância de que se analisem essas produções a partir de uma visão mais ampla, que reformule a oposição linguístico vs. extralinguístico, de modo que se perceba um contínuo entre matéria languageira e ambiente de produção tecnológico (Paveau, 2017, p. 27).

Paveau (2017, p. 28-29) menciona que o discurso nativo digital ou o tecnodiscurso se caracteriza por seis aspectos fundamentais:

i) *Composição*: indissociabilidade entre matéria languageira e matéria tecnológica, de natureza digital (dependente, portanto, dos programas da informática). É esse aspecto que permite que um tecnodiscurso mobilize imagem fixa ou animada, som e escrita, por exemplo.

ii) *Deslinearização*: não obrigatoriedade de apresentação em um eixo sintagmático ou linear. O tecnodiscurso pode ser composto, por exemplo, por hiperlinks, que contribuirão, segundo a autora, para conectar o texto fonte a outros.

iii) *Ampliação*: resultado da conversacionalidade possibilitada pelas ferramentas de escrita na internet, as quais permitem, por exemplo, uma escrita coletiva numa mesma situação de interação.

iv) *Relacionalidade*: característica que permite relações entre discursos e entre suportes. A própria natureza mista, languageira e tecnológica, permite que sejam criados textos com a máquina.

v) *Investigabilidade*: possibilidade de ser rastreado. O próprio código digital onde o tecnodiscurso se inscreve deixa “pegadas” ou pistas tecnológicas, que, na internet, podem ser facilmente recuperadas.

vi) *Imprevisibilidade*: consequência da ação dos programas e algoritmos^[8], a imprevisibilidade diz respeito à inesperada mudança de forma ou de conteúdo que os tecnodiscursos podem apresentar.

Neste trabalho, relacionamos esses seis aspectos às noções de interatividade e de suporte para verificar como se apresentam os processos de construção de sentidos no *Instagram*. Essa breve apresentação tem o objetivo de deixar claras as noções defendidas pela autora quando define o tecnodiscurso para que possamos relacioná-las às três variáveis da interatividade e ao suporte.

3. A interatividade: caráter dialogal, sincronicidade e controle do conteúdo

Neste artigo, propomos relacionar os aspectos do tecnodiscurso às três variáveis da interatividade em um processo comunicativo, as quais designaremos por caráter dialogal, sincronicidade e controle do conteúdo. A noção de interatividade, advinda das ciências da comunicação, é empregada para se referir ao modo como as trocas comunicativas podem gerar engajamento ou ações diretas, ativas e síncronas entre interlocutores no processo de construção de sentidos com o computador. Neste artigo, buscamos mostrar como a interatividade se relaciona ao tecnodiscurso e ao suporte e que consequências esses aspectos geram na interação – entendida como um processo complexo de construção de sentidos entre interlocutores. Antes, porém, convocamos as reflexões de Kiousis (2002) e de Downes e McMillan (2000) sobre a noção de interatividade, de modo que se esclareça o que estamos assumindo, neste artigo, sobre esse termo.

Segundo Kiousis (2002), a interatividade é um fator relacionado à mídia e ao grau de *feedback* fornecido pelo receptor e que sofre variação em função do tipo de tecnologia envolvido nos diversos contextos digitais. O autor menciona que esse conceito pode estar também relacionado à interdependência entre as mensagens que circulam nesses ambientes e à possibilidade que o usuário pode ter de modificar forma e conteúdo em um ambiente mediado em tempo real (Steuer, 1992). Kiousis menciona que há autores que propõem alguns critérios para a análise da interatividade, como a complexidade das escolhas de conteúdo disponíveis para o internauta, os esforços que eles devem exercer nessas trocas, a capacidade de resposta ao interlocutor, o monitoramento do uso de informações, a facilidade de adicionar conteúdos e a facilidade de estabelecimento de comunicação interpessoal.

A falta de uniformidade na descrição do termo interatividade é também tema dos trabalhos de Downes e McMillan (2000), que propõem cinco dimensões para essa noção, como a direção da comunicação, a flexibilidade de tempo de resposta, o senso de lugar, o nível de controle do conteúdo, a capacidade de resposta e o propósito de comunicação percebido. Dentre essas cinco dimensões, Kiousis (2002) explica que a velocidade do tempo de resposta é considerada a característica essencial ou mais importante da interatividade. O autor destaca que experiências de trocas por e-mail, por exemplo, também têm sido consideradas como interativas, mas podem apresentar ampla flexibilidade de tempo (nesses casos, há uma taxa de tempo de resposta mais variável em relação, por exemplo, às trocas que ocorrem entre interlocutores por meio de uma videoconferência

[8] De acordo com Paveau (2017), os algoritmos são sequências de instruções ou cálculos matemáticos que permitem resolver problemas, como o processamento de informações, através de buscas, classificação, hierarquização. Em função da atuação dos algoritmos, determinadas informações aparecerão com mais frequência ou serão disseminadas mais rapidamente do que outras na internet (Paveau, 2017, p. 19).

em plataformas, como *Google Meet* ou *Zoom*).

Embora seja um termo que tem uma caracterização polissêmica na área, há três dimensões da interatividade que são sempre consideradas pelos autores e que chamaremos neste trabalho de caráter dialogal, sincronicidade e controle do conteúdo. O caráter dialogal diz respeito ao que Downes e McMillan (2000) consideram como capacidade de resposta, ou, nas palavras de Rafaeli (1988), à possibilidade de obter *feedback*, como se os interlocutores estivessem numa troca conversacional face a face. Jensen (1998) menciona que essa troca pode se dar de um para um, de um para muitos ou de muitos para muitos e envolver tanto respostas entre humano x humano quanto entre humano x máquina. O segundo aspecto característico da interatividade é a sincronicidade, entendida aqui como o tempo de resposta do interlocutor, se mais ou menos imediato ou síncrono. Por último, temos assumido que o controle do conteúdo é a terceira variável relacionada à interatividade. Esse aspecto deve ser compreendido como a possibilidade que os interlocutores podem ter de, numa interação, modificarem as informações ou reagirem a elas de alguma forma.

Observar a relação entre essas três variáveis ou dimensões pode contribuir para a compreensão dos processos de construção de sentidos em interações com mídias digitais. Como veremos a seguir, esses aspectos se apresentam de maneiras distintas no *Instagram* em função do suporte em que essa mídia é acessada. É em Bonini (2011) que encontramos um conceito de mídia mais completo, embora ainda não suficiente para nossa discussão. Segundo o autor, a mídia pode ser entendida como um processo de mediação da interação linguageira ou como uma tecnologia de mediação da interação linguageira, funcionando como um contextualizador no interior do qual os gêneros textuais circulam. Na perspectiva de Bonini, a mídia apresenta uma forma de organização, produção e recepção própria e pode se constituir em um ou mais suportes. Em consonância com Bonini, Lima (2013) explica que a mídia tem como papel prolongar as interações verbais para além das situações simultâneas de espaço e tempo.

De acordo com Lima (2013), a mídia envolve os sistemas de captação e registro de imagens, como a fotografia, as plataformas de transmissão eletromagnéticas, como a televisão e a internet, os sistemas de captação e registro eletrônico de som e imagem conjugados, como o vídeo, os sistemas de registro e encadernamento,

como os jornais e revistas impressos, os softwares e os sistemas de registro digital. Neste trabalho, assumimos mídia como todo meio tecnolinguageiro que configure os processos de coconstrução de sentidos entre interlocutores, organizando a produção e recepção de textos, fazendo-os circular e associando-se às possibilidades de interatividade. Citamos, como exemplos de mídia, a internet/web, as redes sociais, os aplicativos, entre outras. Com base nessa escolha, iremos considerar o *Instagram* como uma mídia digital.

4. O suporte digital como rematerialização do texto

Se até há algumas décadas, os sistemas comunicativos eram concebidos segundo uma dicotomia redutora oral/escrita (Bronckart, [1997]1999, p. 184-185), atualmente, com o grande desenvolvimento da informática, a natureza dos textos mudou e ganhou novos contornos, encarando o suporte como essencial na observação dos textos da esfera digital, tal como sublinhado por Rastier (2001, p. 21):

Na era da desmaterialização digital, devemos pensar em uma reorganização, e a oposição entre escrito e oral deve ser superada pela noção de suporte. Assim, um texto pode ser escrito ou oral, ou mesmo apresentado por outros códigos convencionais, tais como código Morse, Ascii, etc., e se manifestar em interação com outras semióticas (filme etc.) (tradução nossa^[9]).

De fato, com o grande desenvolvimento tecnológico das últimas décadas, surgiram novos meios e suportes de comunicação e, conseqüentemente, novas

formas de construção textual que apelam a estudos que descrevam e deem conta quer das características do suporte e dos seus diferentes tipos, quer das suas funções ao nível textual e comunicativo (De Angelis & Gonçalves, 2021; Gonçalves, 2011; Gonçalves & Rosa 2019; Maingueneau, 2002; Marcuschi, 2008; Rosa & Gonçalves, 2020).

Dentre os estudos iniciais relativos ao suporte, destacamos o contributo de Marcuschi (2003, p. 11), que realça três características do suporte. A primeira diz respeito ao suporte enquanto *lôcus*, ou seja, enquanto localização, lugar, podendo este ser físico ou virtual; a segunda perspectiva, às especificidades dos formatos inerentes ao(s)

“Com o grande desenvolvimento tecnológico das últimas décadas, surgiram novos meios e suportes de comunicação e, conseqüentemente, novas formas de construção textual que apelam a estudos que descrevam e deem conta quer das características do suporte e dos seus diferentes tipos, quer das suas funções ao nível textual e comunicativo”

[9] «À l'heure de la dématérialisation numérique, il faut songer à un remaniement, et l'opposition entre écrit et oral doit être dépassée par la notion de support. [...] Ainsi, un texte peut être écrit ou oral, voire présenté par d'autres codes conventionnels, comme le Morse, l'Ascii, etc., et se manifester en interaction avec d'autres sémiotiques (film, etc.).»

suporte(s) e, finalmente, a terceira evidencia a função de fixação e de mostração do suporte. Fica clara destas três características a sua inter-relação. De fato, por ser um lugar físico ou virtual, o suporte possibilita a fixação do texto, a sua materialização. Concomitantemente, essa fixação vai depender dos formatos nos quais se dá o suporte e terá repercussões na recepção dos textos e nos níveis de interatividade. Desse ponto de vista, o suporte como fixador do texto permite produzir, divulgar e acessar os textos, assegurando, assim, a sua existência no espaço e no tempo (Gonçalves & Rosa, 2019, p. 573-574).

Ainda sobre os estudos referentes ao suporte, Mainueneau (2002), em sua obra sobre os textos de comunicação (p. 70-71), realça que o suporte não é uma dimensão acessória, e que, consequentemente, não deve ser concebido como simples meio de transmissão do discurso. Influenciando os conteúdos e os usos da linguagem, o suporte constitui uma dimensão essencial da comunicação verbal, de tal modo que uma mudança de suporte pode modificar um gênero:

Uma modificação do suporte material de um texto modifica radicalmente um gênero do discurso: um debate político pela televisão é um gênero de discurso totalmente diferente de um debate em uma sala para um público exclusivamente formado pelos ouvintes presentes. O que chamamos "texto" não é, então, um conteúdo a ser transmitido por este ou aquele veículo, pois o texto é inseparável de seu modo de suporte/transporte e de estocagem, logo, de memorização (Mainueneau, 2002, p. 68).

Nesta mediação entre suporte e gênero textual, Marcuschi (2003, p. 10) apresenta uma perspectiva menos categórica^[10]. De fato, embora o suporte possa interferir na natureza do gênero textual, isto não significa que o suporte determine o gênero, mas sim que o gênero pode exigir um determinado suporte. Depreende-se, portanto, que Marcuschi perspectiva o suporte como elemento inerente ao gênero.

Retomando a característica do lugar físico ou virtual e da fixação do texto pelo suporte, importa refletir sobre a questão da materialidade, sobretudo na passagem do suporte impresso para o suporte digital. Pierre Lévy, em sua obra *Cibercultura* (1996), realça que o virtual causou novas concepções do espaço - a desterritorialização - e do tempo, com o enfraquecimento do aqui e do agora, bem como a desmaterialização dos objetos. Essa concepção da desmaterialização é sobejamente retomada (cf. Rastier citado anteriormente "na hora da desmaterialização

digital") e é claudicada quando se equacionam as características dos textos digitais (Bolter, 2001; Gonçalves, 2011, 2012, 2014; Paveau, 2017), em particular no que toca à dimensão espacial, topográfica (escrita no espaço, retomando as palavras gregas *topos* - lugar - e *graf* - escrita) destes textos. Bolter (2001, p. 36) afirma que:

Um texto como uma rede pode não ter um sentido unívoco. Pode continuar a ser uma multiplicidade sem a imposição de um princípio de denominação. No lugar da hierarquia, temos um espaço de escrita que não é apenas tópico; podemos mesmo chamar-lhe "topográfico". (tradução nossa^[11]).

A dimensão espacial, topográfica dá-se no e pelo suporte. Assim, como consequência da passagem de uma cultura do impresso para o digital e à luz do conceito de fixação e de topografia, em vez de considerar a desmaterialização do suporte digital, é necessário equacionar uma re-materialização dos textos, de acordo com o suporte de inscrição dos textos (De Angelis, 2018; De Angelis e Gonçalves, 2021):

A transição de uma cultura de texto impresso - cujo suporte material é claramente visível - para a cultura de texto digital: o impacto que esta materialidade pode ter nas características formais dos textos linguísticos ainda não é considerado (tradução nossa^[12]).

Essa rematerialização do suporte é devedora do suporte em si. De fato, pela presença da tecnologia digital, os suportes apresentam um grande grau de variabilidade e de plasticidade na configuração textual, e impactam a relação com o usuário como se verá posteriormente.

Paveau (2017), em uma posição mais extrema sobre o suporte, propõe que essa noção seja abolida, tendo em vista que esses elementos estão integrados e contribuem igualmente na produção de sentidos em ambiente nativo digital (p. 132):

Falar de suporte (o papel para a escrita, a pedra para a inscrição, o computador e o software para o discurso nativo da Internet) implica um pensamento dualista de separação entre a ordem material, por um lado, e a ordem linguística, por outro. Mas nos universos discursivos digitais, existe apenas uma ordem, a tecnodiscursiva, na qual o -techo e o -discursivo estão co-integrados, são igualmente contribuintes para a produção tecnodiscursiva, e devem, portanto, ser analisados como tal (Paveau, 2017, p. 132 - tradução nossa^[13]).

[10] Ainda nesta relação entre gênero e suporte, reenviamos para o artigo de Bonini (2011, p. 688) no qual é feita uma distinção relevante entre gênero, mídia e suporte. Para o autor, o suporte é concebido como um elemento material para registrar, armazenar e transmitir informação.

[11] "A text as a network may have no univocal sense. It can remain a multiplicity without the imposition of a principle of denomination. In place of hierarchy, we have a writing space that is not only topical; we might even call it 'topographic'" (Bolter, 2001, p. 36).

[12] "Au passage d'une culture du texte imprimé — dont le support matériel est bien visible — à la culture du texte numérique: on ne considère pas encore les retombées que cette matérialité peut avoir sur les caractéristiques formelles des textes linguistiques" (Angelis, 2017, p. 480).

[13] "(...) parler de support (le papier pour l'écrit, la pierre pour l'inscription, l'ordinateur et le logiciel pour le discours natif de l'internet) implique de penser de manière dualiste une séparation entre l'ordre matériel d'un côté et l'ordre langagier de l'autre. Mais dans les univers discursifs numériques, il n'existe qu'un ordre, le technodiscursif, au sein duquel le techno- et le -discursif sont co-intégrés, sont également contributeurs à la production technodiscursive et doivent donc être analysés comme tel" (Paveau, 2017, p. 132).

Acreditamos que assumir uma postura pós-dualista, que busque considerar a inseparabilidade de elementos tecnolinguageiros numa análise textual, não nos impede de refletir sobre cada um desses aspectos e de reconhecer de que maneira a configuração de cada suporte interfere nos processos de co-construção de sentidos. Para nós, é a compreensão desses elementos em relação que nos permite defender uma análise pós-dualista para os estudos do texto e da interação. Neste artigo, assumimos suporte como o lócus físico que, em interações com a mídia *Instagram*, assume caráter tecnolinguageiro, interferindo nos modos de interagir na medida em que potencializa o engajamento ativo dos interlocutores no processo de construção de sentidos.

5. Procedimentos metodológicos

Apresentadas as noções com as quais trabalharemos em nossa análise, é preciso descrever as etapas que conduziram a análise da relação entre tecnodiscurso, interatividade e suporte na mídia *Instagram*. Assumir uma perspectiva pós-dualista, que considere fatores tecnológicos no estudo da linguagem resulta, como a própria Paveau (2017) reconhece, em desafios de ordem metodológica, tendo em vista que analisamos um corpus dinâmico, envolto de hiperlinks, de imagens dinâmicas, de sons, de cliques, de barras de rolagem, entre outros aspectos, que dificultam a apresentação de resultados em gêneros acadêmicos que exigem uma materialidade estática. Assim como faz a analista do discurso, optamos por realizar capturas/cópias de tela da mídia *Instagram*, pois este ainda é o recurso mais adaptado para este modo de interação.

As capturas de tela serão apresentadas considerando a visualização estática disponível nos suportes com os quais trabalharemos neste artigo: notebook, celular e tablet. Essas capturas foram realizadas com as ferramentas disponíveis nos próprios suportes: no *notebook* (*MacAir*) utilizado pelas autoras, por meio das teclas *command + shift + 4*; no celular (*iPhone*), por meio da pressão simultânea do botão lateral e do botão de aumentar o volume; e no *tablete* (*iPad*), pressionando simultaneamente o botão de início e o botão superior. O resultado desses procedimentos gerou o *corpus* que será apresentado a seguir e que, portanto, servirá de base para as descrições e discussões que propomos neste artigo. Inicialmente, descreveremos a mídia *Instagram*, suas funções e seus recursos para, em seguida, observarmos a relação entre tecnodiscurso, interatividade e suporte na construção de sentidos dos *stories*, dos jornais *Diário Catarinense* e *Correio da Manhã*, publicados em 24 de maio de 2021.

De acordo com Piza (2012), o *Instagram* surgiu em outubro de 2010 e é uma rede social que foi desenvolvida para resgatar momentos nostálgicos registrados pelas clássicas câmeras *Polaroids*, que permitiam revelar fotos no ato do disparo. Inicialmente, essa mídia foi desenvolvida para rodar no sistema operacional *iOS*, da *Apple*, de modo gratuito, permitindo ao usuário realizar postagens de fotos bem como ter acesso a perfis de outros usuários. Hoje, os interlocutores têm utilizado o *Instagram* não só para ver e compartilhar fotografias, mas também

para consumir e produzir conteúdos de diversas atividades, tanto jornalísticas e publicitárias quanto acadêmicas e culturais, através de *smartphones*, *tablets* ou computadores, desde que o internauta se cadastre e crie o seu próprio perfil.

Duas formas de acessar ou produzir conteúdo no *Instagram* são possíveis: por meio de publicações no *feed* (fluxo de conteúdo que reúne todas as publicações feitas em um determinado perfil) ou em *stories* (espaço que permite ao usuário publicar fotos e vídeos que saem do ar após 24 horas). É sobre este último que esta pesquisa se debruça. Analisamos *stories* publicados pelo jornal brasileiro *Diário Catarinense* e pelo jornal português *Correio da Manhã*, publicados em 24 de maio de 2021, na mídia *Instagram*, mais especificamente em *stories*. A escolha foi realizada tendo em vista a variedade de recursos utilizados pelos jornais, como o uso de caixa de perguntas, de contagem regressiva, de teste e de enquete. Partimos da hipótese de que o uso desses recursos favoreciam os níveis de interatividade e sofreriam alterações em função do suporte utilizado.

Observamos dois *stories* publicados pelo jornal português *Correio da Manhã*: o primeiro intitulado “Acompanhe a evolução da pandemia” (Figura 1).

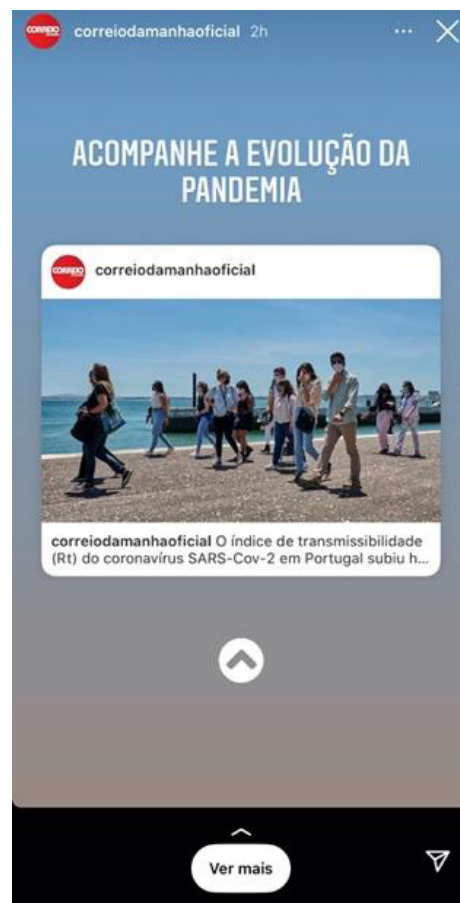


Figura 1

Capturas de tela das publicações selecionadas em story do jornal *Correio da Manhã*

Fonte: *Instagram* do Jornal *Correio da Manhã* de 24 de maio de 2021

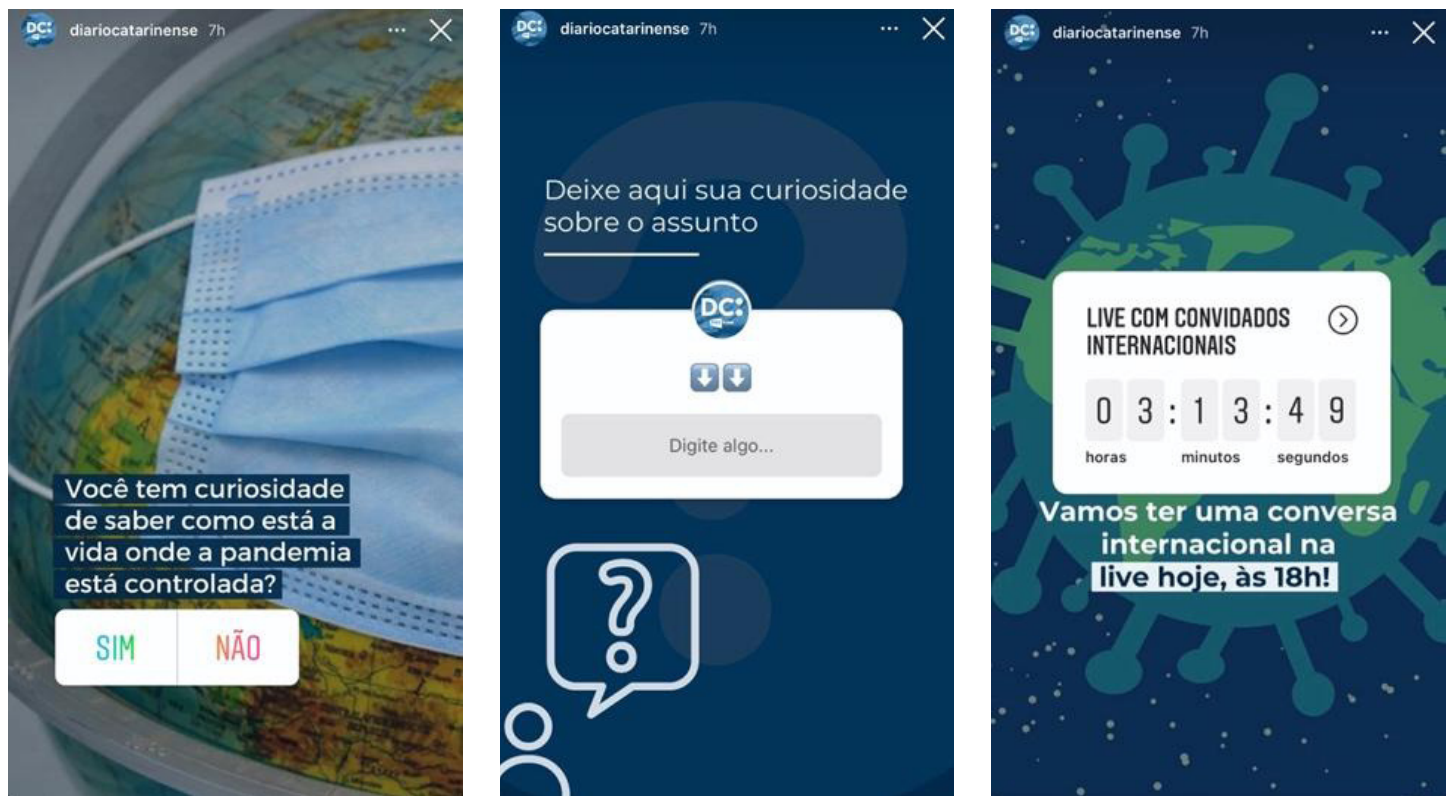


Figura 2

Cópias de tela das publicações selecionadas dos *stories* do jornal *Diário Catarinense*
Fonte: *Instagram* do jornal *Diário Catarinense* de 24 de maio de 2021

No que diz respeito ao perfil do jornal brasileiro *Diário Catarinense* no *Instagram*, observamos a seguinte sequência de *stories* relacionada ao título “Você tem curiosidade de saber como está a vida onde a pandemia está controlada?” (Figura 2).

Nossa abordagem analítica consistiu em descrever cada uma dessas produções verbais, a partir das características do tecnodiscurso (Paveau, 2017), caracterizar os aspectos ligados à interatividade (Jensen, 1998; Kiousis, 2002), observar como esses recursos se manifestam em três suportes - o *smartphone*/celular, o *tablet* e o *notebook*/computador – e investigar a relação entre esses aspectos no processo de construção de sentidos.

6. Análise e discussão dos resultados

Neste subtópico, passaremos à observação de como se revelam as características do tecnodiscurso, dos níveis de interatividade e do suporte nos *stories* do *Instagram* dos jornais *Correio da Manhã* e *Diário Catarinense*. Ao longo desta análise, buscamos relacionar esses fatores, de modo que se perceba como a confluência deles contribuem na construção de sentidos dos textos.

Consideramos que os *stories* constituem um tecnodiscur-

so, pois trata-se de uma produção linguageira projetada para ser construída e para circular em ambiente digital on-line, ou seja, trata-se, nos termos de Paveau (2017), de uma produção nativa digital. Sua natureza compósita se revela em suas propriedades digitais, dependentes dos programas informáticos que permitem que esses textos sejam produzidos e que transitem entre os interlocutores apenas nesses espaços de conectividade com a internet. Na Figura 3, destacamos alguns aspectos relativos ao caráter compósito ou integrado entre matéria linguageira e matéria tecnológica em um dos *story* do jornal *Correio da Manhã*.

O toque ou o clique é um gesto tecnolinguageiro muito utilizado nos *stories* do *Instagram*. Ele permite ao interlocutor tornar-se escreiteiro (Paveau, 2017, p. 33) e, por meio de suas escolhas, mais ou menos voluntárias (não podemos desconsiderar o papel dos algoritmos nesse processo), construir sentidos para os textos que circulam nesses ambientes. Esse gesto tecnolinguageiro permite aumentar o nível de interatividade ou de engajamento do interlocutor, pois ele possibilita ao interlocutor maior controle sobre uma das variáveis da interatividade: o controle do conteúdo. Ao escolher seu percurso com base num conjunto de opções fornecidas pela mídia, o interlocutor passa a ter maior domínio sobre aquilo que será lido, o que torna seu engajamento mais efetivo na interação.

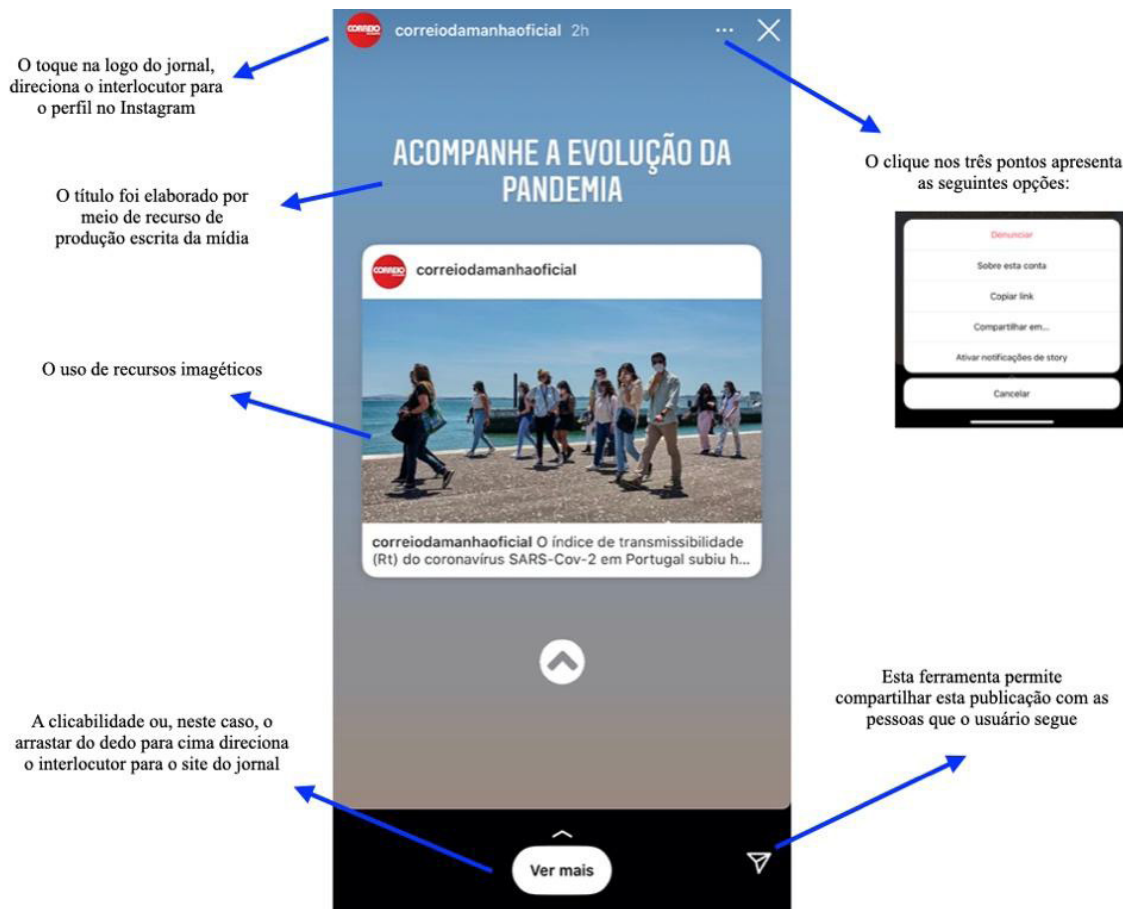


Figura 3

Aspectos relativos ao caráter compósito de *story* no Instagram

Fonte: elaborado pelas autoras

Na Figura 3, há inúmeros recursos hipertextuais, como o direcionamento que ocorre por meio do clique na logo do jornal, que dirige o leitor para o *feed* do jornal no *Instagram*; o clique nos três pontos à direita, que direciona o leitor para um conjunto de outras ferramentas, como as opções “denunciar”, “sobre esta conta”, “copiar link”, “compartilhar em...” e “ativar notificações de *story*”; o arrastar de dedos para cima, que dirige o interlocutor para o site do jornal; o clique na postagem que foi compartilhada dentro desse *story*, que direciona o interlocutor mais uma vez para o *feed* do jornal no *Instagram*. Todos esses aspectos deslinearizantes são próprios do tecnodiscurso e permitem, por meio de um gesto tecnolinguageiro, o contato do interlocutor com outros enunciados. Esse aspecto, mais uma vez, interfere nos níveis de interatividade, pois se relaciona diretamente à variável do controle de conteúdo, a qual permite, nesse exemplo específico, que o interlocutor escolha o percurso de sua leitura, isto é, que se engaje na seleção do conteúdo a ser lido.

Nos *stories* do *Instagram*, a ampliação pode se manifestar de diversas formas: uma de-

las pode ser observada na Figura 4.

A Figura 4 apresenta o que acontece quando o interlocutor decide clicar no símbolo à direita, na parte inferior do *layout* do *story*, ou seja, no botão de compartilhar. A ampliação se dá na medida em que há a possibilidade de compartilhar a publicação na mesma mídia sem que esses enunciados sejam confundidos, numa conversacionalidade ou numa troca dialogal, que permite ao interlocutor difundir esta publicação (acrescida de modificações, se o internauta assim o quiser) até que a interação se conclua, no caso dos *stories*, até o fim das 24 horas em que ele dura. Esse aspecto do tecnodiscurso se alinha ao caráter dialogal da interatividade, na medida em que a ampliação permite uma resposta ao locutor, que se dá por meio da repostagem ou do compartilhamento. Esse gesto de clicagem demonstra engajamento mais ativo do interlocutor e, portanto, maior nível de interatividade, de modo que o usuário passa a agir sobre o conteúdo inicialmente compartilhado pelo jornal *Correio da Manhã*, modificando ou adicionando informações em relação aos sentidos inicialmente produzidos no *story* do jornal.



Figura 4

Exemplos de como se percebe a “ampliação” nos *stories*

Fonte: elaborado pelas autoras

O apelo ao caráter dialogal, identificado na própria constituição desse tecnodiscurso, se intensifica por meio do uso de outros recursos.

O recurso da Enquete permite que os interlocutores façam perguntas e vejam os votos de seus amigos e seguidores. Na Figura 5, o jornal Diário Catarinense faz a seguinte Enquete: “Você tem curiosidade de saber como está a vida onde a pandemia está controlada?”. Buscando engajamento, isto é participação ativa de seus seguidores, o jornal utiliza um recurso interativo que permite que os usuários, num gesto de clicagem na tela sobre os botões “sim” ou “não”, participem das publicações realizadas pelo periódico. Essa chamada para engajamento, ou a escolha por um *story* com maior nível de interatividade, tem relação com os *stories* seguintes.

Continuando a sequência interativa de *stories*, o jornal brasileiro utiliza a fer-

ramenta de Perguntas (Figura 6), com o objetivo de engajar o interlocutor no assunto mencionado no *story* anterior. A chamada “Deixe aqui sua curiosidade sobre o assunto” e o

Buscando engajamento, isto é participação ativa de seus seguidores, o jornal utiliza um recurso interativo que permite que os usuários, num gesto de clicagem na tela sobre os botões “sim” ou “não”, participem das publicações realizadas pelo periódico”

recurso imagético dos emojis de setas e, na parte inferior do *layout*, do desenho de um boneco com um balão com um sinal de interrogação, estimulam o interlocutor a participar ativamente da construção do conteúdo. O espaço “Digite algo...” permite que o usuário escreva sua curiosidade sobre os países em que a pandemia está controlada e, dessa forma, participe do processo de construção de sentidos do texto. As respostas dadas pelos interlocutores do jornal *Diário Catarinense* supostamente serão compiladas e respondidas no evento divulgado no *story* que aparece na sequência.

Por meio do recurso “Contagem Regressiva”, o jornal convoca os interlocutores interessados no assunto e/ou



Figura 5

Recurso de Enquete no story do jornal *Diário Catarinense*

Fonte: Instagram do jornal *Diário Catarinense* de 24 de maio de 2021



Figura 6

Recurso de Perguntas no story do jornal *Diário Catarinense*

Fonte: Instagram do jornal *Diário Catarinense* de 24 de maio de 2021

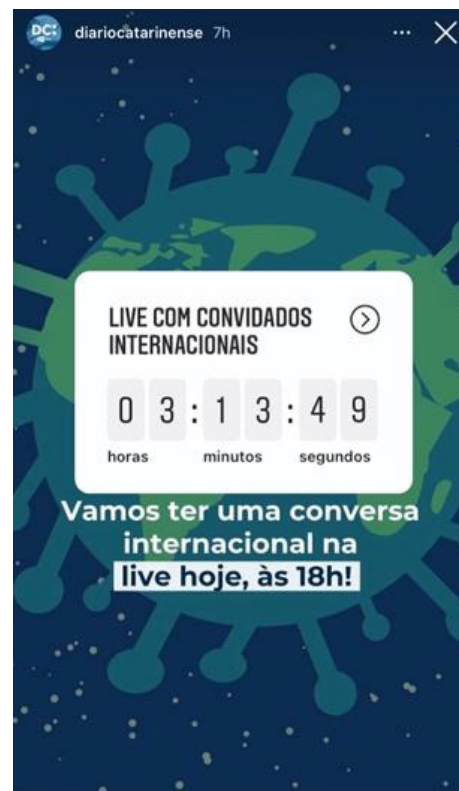


Figura 7

Recurso de Contagem Regressiva no story do jornal *Diário Catarinense*

Fonte: Instagram do jornal *Diário Catarinense* de 24 de maio de 2021

que responderam ao recurso das Perguntas a ativarem um temporizador que sinaliza quando determinado evento vai ter início. Nesse caso, o *Diário Catarinense* propõe uma “Live com convidados internacionais” que, como se pode inferir pela imagem de fundo (com o desenho de uma molécula de vírus), e pelos stories anteriores, vai discutir como está a vida nos países em que a pandemia está controlada. A sequência de stories, representados nas Figuras 5, 6 e 7, estimulam o interlocutor a um alto nível de engajamento, dando a ele um certo controle do conteúdo (permitido pelos recursos de Pergunta, Enquete e Contagem Regressiva), com o intuito, como vimos, de convencer ou influenciar os interlocutores a participarem de live promovida pelo jornal.

Como menciona Paveau (2017, p. 10), a relacionalidade dependente do suporte no qual se inscreve e é um dos traços mais intensos do tecnodiscurso. A integração em uma rede de relações algorítmicas assegura, segundo a autora, o funcionamento e a circulação dos tecnodiscursos e fornece a eles traços linguísticos inéditos, como a clicabilidade, no plano morfolexical, ou a imprevisibilidade, no plano discursivo. Esses aspectos fornecem ao interlocutor maior controle sobre o conteúdo que lê e produz, além de motivá-lo a participar ativamente (por meio de cliques, por

exemplo), o que intensifica os níveis de interatividade da interação, permitindo um maior domínio sobre a produção tecnolinguageira e sobre os sentidos construídos com ela e por meio dela. Os exemplos abaixo atestam o influxo do suporte - *tablet*, *notebook* ou *smartphone* - relativamente à possibilidade de controlar e aceder ao conteúdo.

Como é possível observar, a diferença do acesso ao conteúdo da plataforma *Instagram* é notória entre o tablet e o notebook. Se no primeiro caso, o usuário acessa o conteúdo e pode interagir, através de recursos linguísticos e semióticos, no segundo caso o acesso ao conteúdo é obstruído.

Na Figura 4, a interferência dos algoritmos se dá na ordem em que os nomes dos perfis seguidos pelo usuário aparecem: a sequência é organizada de acordo com a ordem cronológica das trocas conversacionais que ocorreram no *direct* (espaço de bate-papo possibilitado na mídia *Instagram*), isto é, os usuários com quem se teve uma conversação mais recente aparecem primeiro na lista.

Retomando a relacionalidade e a rede de relações algorítmicas, é de destacar que são as pistas algorítmicas que influenciam na investigabilidade do story. Como todo tecnodiscurso, ele sofre influência do código digital, que persegue todos os gestos do usuário e deixa facilmente identificáveis

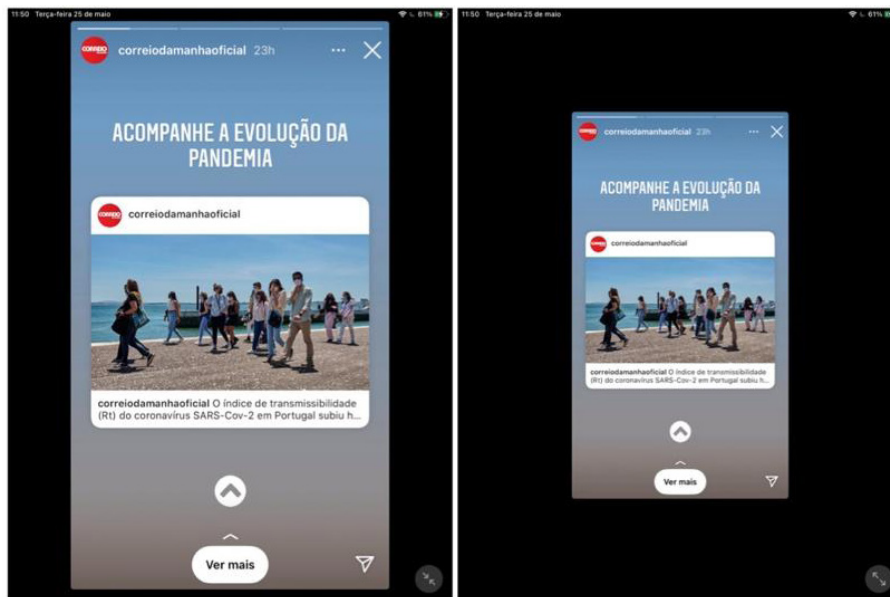


Figura 8

Visualizações dos stories a partir do *tablet*

Fonte: elaborado pelas autoras a partir dos stories do jornal *Correio da Manhã* de 24 de maio de 2021

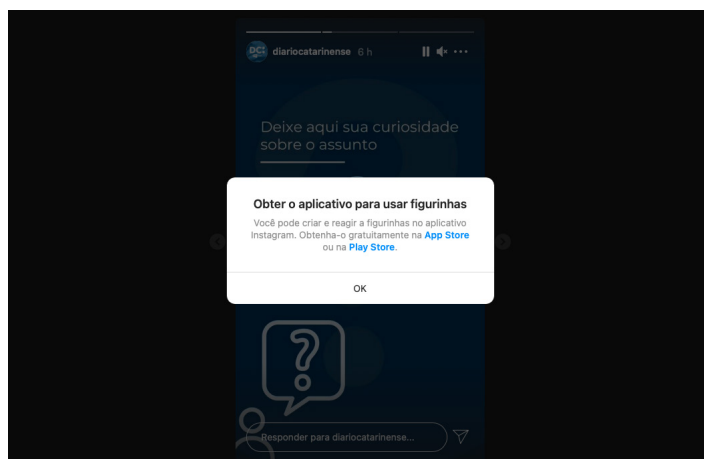


Figura 9

Impossibilidade de controle de conteúdo por meio das Perguntas no *notebook*

Fonte: cópias de tela elaboradas pelas autoras a partir dos stories do jornal *Diário Catarinense* de 24 de maio de 2021

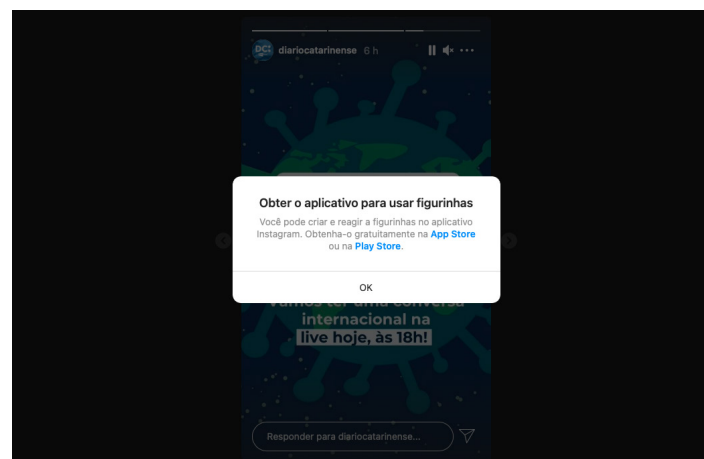


Figura 10

Impossibilidade de controle de conteúdo por meio da Contagem Regressiva no *notebook*

Fonte: cópias de tela elaboradas pelas autoras a partir dos stories do jornal *Diário Catarinense* de 24 de maio de 2021

as ações realizadas pelo usuário, como, por exemplo, o registro de todas as trocas conversacionais realizadas no *direct*. É também a ação algorítmica que torna imprevisível o tecnodiscurso. No *Instagram*, o algoritmo atua para garantir que o usuário visualize facilmente as últimas postagens de suas contas favoritas. Quando um perfil, como o do jornal *Diário Catarinense*, apresenta uma sequência de posts com alto nível de interatividade, a tendência dos usuários é se engajar mais nesses conteúdos, de modo que o cálculo algoritmo identifique um interesse maior nessas postagens e, assim,

coloque determinados perfis no topo da lista.

A captura de tela representada na Figura 8 ilustra o efeito dos algoritmos na localização do perfil do jornal *Correio da Manhã*. Devido ao frequente acesso deste perfil nas publicações do jornal, ele aparece entre os conteúdos mais evidentes. Vale mencionar que o conteúdo que aparece na sequência da Figura 8 também é manipulado pelos algoritmos e se refere à publicação de perfil muito acessado pelo usuário. Nesse exemplo, vemos uma publicação de um dos perfis seguidos por uma das pesquisadoras, com a manchete

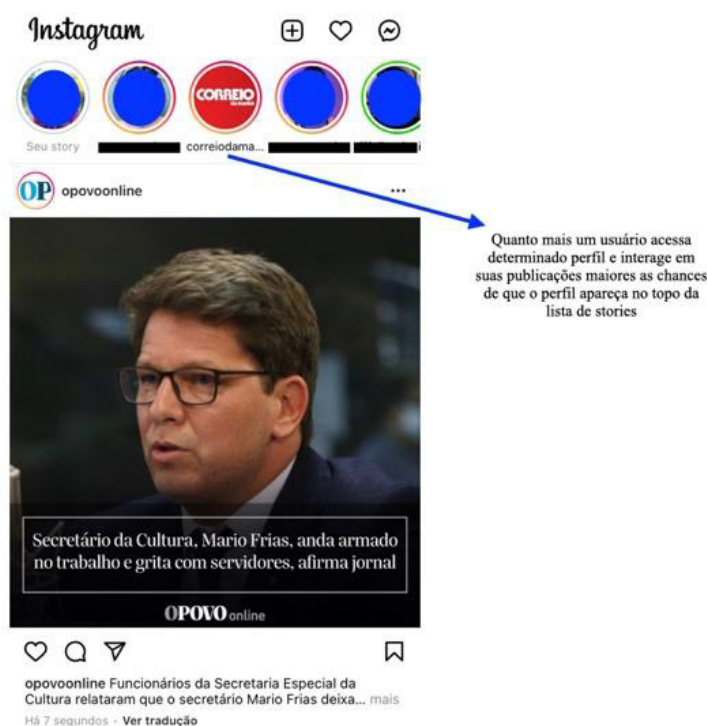


Figura 11

Manipulação algorítmica em perfis no *Instagram*

Fonte: cópia de tela realizada pelas autoras em perfil pessoal no dia 25 de maio de 2021

“Secretário da Cultura, Mario Frias, anda armado no trabalho e grita com servidores, afirma jornal”, visualizada logo que a pesquisadora acessou a mídia *Instagram*, possivelmente em função da avaliação que o algoritmo executa com base nas preferências do usuário/interlocutor.

7. Considerações finais

Com este artigo, buscamos estabelecer aproximações entre as características do tecnodiscurso (Paveau, 2017), os níveis de interatividade e o suporte com vista quer a um melhor conhecimento das interações que acontecem com a mídia *Instagram*. Pela complexidade dessas interações ficou clara a necessidade de realizar um trabalho transdisciplinar, no qual diversas áreas de saber são convocadas. Assim, partindo da Análise do Discurso Digital, das Ciências da Comunicação e da Linguística Textual, verificamos que a natureza compósita, a deslinearização e o aumento são aspectos em intrínseca relação com o controle do conteúdo e o caráter dialogal.

Para além disso, constatamos que a aparente desmaterialização dada pelo digital é fundamentalmente uma rematerialização, na qual o suporte desempenha um papel fundamental de fixação e de acesso aos textos e, nos casos em apreço, aos *stories*, pelo qual o interlocutor tem possibilidade de atuar no acesso e na divulgação do que está a ler. Todos

esses aspectos - natureza compósita, deslinearização, aumento e rematerialização - interferem nos graus de interatividade da interação com mídias digitais e, portanto, são exploradas pelos perfis na rede social *Instagram* visando construir sentidos com a participação efetiva, ou com um engajamento ativo, dos interlocutores. Observamos, igualmente, que, nos *stories*, os recursos de respostagem/compartilhamento podem funcionar como uma forma de reação ao texto inicial postado pelo jornal, ou seja, de engajamento resposivo sobre o conteúdo lido pelo internauta.

Acreditamos que esta pesquisa amplia as investigações em torno do tecnodiscurso, na medida em que o relaciona a aspectos da interatividade e do suporte em interações com mídias digitais. Em trabalhos futuros, pretendemos observar de que maneira o tecnodiscurso, a interatividade e o suporte se relacionam a outros tipos de mídias digitais, e como a organização dos textos que ali circulam interferem na variedade de modos de interagir.

8. Agradecimentos

O presente trabalho é financiado por fundos nacionais portugueses, através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, como parte do projeto do Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa – UID/LIN/03213/2020.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M. 2008. *A linguística textual. Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora, 376 p.
- ALVAR GONZÁLEZ, D. 2011. Multidisciplinarity, Interdisciplinarity, Transdisciplinarity, and the Sciences. *International Studies in the Philosophy of Science*, **25**(4):387–403. <https://doi.org/10.1080/02698595.2011.623366>
- BOLTER, J. D. 2001. *Writing space: computers, hypertext and the remediation of print*. 2.ed., New Jersey: Lawrence Erlbaum, 248 p. <https://doi.org/10.4324/9781410600110>
- BONINI, A. 2011. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *RBLA*, **11**(3):679-704. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982011000300005>
- BRONCKART, J.-P. [1997] 1999. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Raquel Machado. São Paulo: EDUC, 353 p.
- CAVALCANTE, M. C. et al. 2019. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. (Con)Textos Linguísticos - Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise, **13**(25):25-39.
- DE ANGELIS, R. 2018. Textes et textures numériques. Le passage de la matérialité graphique à la matérialité numérique. *Signata: Sémiotique de l'écriture*, (9)459-484. <https://doi.org/10.4000/signata.1675>
- DE ANGELIS, R., GONÇALVES, M. 2021. Contraintes et enjeux de la matérialité numérique: les logiciels d'autocomplétion. *Revue Sémen*, (49):123-142.
- DOWNES, E.J. & MCMILLAN, S. J. 2000. Defining Interactivity: A Qualitative Identification of Key Dimensions. *Nova mídia e sociedade* **2**(2):157–179. <https://doi.org/10.1177/14614440022225751>
- DUARTE, L. & MUNIZ-LIMA, I. 2020. Os discursos nativos digitais e o ensino de língua portuguesa. In: J. A. SCHUTZ et al. (orgs.). *Um olhar sobre a educação contemporânea: abrindo horizontes, construindo caminhos*. Cruz Alta: Ilustração, p. 269-279.
- DUARTE, L. & MUNIZ-LIMA, I. 2021. Análise do discurso digital: questões teóricas e práticas. In: F. J. O. PAIVA; E. D. SILVA (orgs.). *Estudos da Linguagem: interfaces na linguística, semiótica e literatura em perspectiva*. Volume.1. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 53-70.
- GONÇALVES, M. 2011. Espécie de texto: contributo para a caracterização do sítio web. *Hipertextus*, (7):1-12.
- GONÇALVES, M. 2013. Organização textual e (des)linearidade: o caso dos sítios web. *Estudos Linguísticos/Linguistics Studies*, p. 133-147.
- GONÇALVES, M. 2014. Similitudes et différences textuelles dans les genres numériques: blog et site web. *Studii Lingvistica*, **4**:75-91.
- GONÇALVES, M., ROSA, R. 2019. O suporte digital na leitura e compreensão textual. In: A. M. FERREIRA, C. MORAIS, M. F. BRASETE, & R. L. Coimbra (Eds.), *Pelos mares da língua portuguesa* 4, p. 571-587.
- JENSEN, J. 1998. Interactivity: Tracking a New Concept in Media and Communications Studies. *Nordicom Review*, **12**(1):185-204.
- KIOUSIS, S. 2002. Interactivity: a concept explication. *New Media & Society*, **4**:355-383. <https://doi.org/10.1177/146144480200400303>
- LÉVY, P. 1996. *O que é virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 160 p.
- LIMA, S. C. de. 2013. *Hipergênero: agrupamento ordenado de gêneros na constituição de um macroenunciado*. Brasília, DF. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 273 p.
- MAINGUENEAU, D. 2002. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez Editora, 304 p.
- MARCUSCHI, L. A. 2003. A questão do suporte dos gêneros textuais. *DLCV*, **1**(1):9-40.
- MARCUSCHI, L. A. 2008. *Produção textual: análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 296 p.
- PAVEAU, M.-A. 2017. *L'Analyse du Discours Numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 398 p.
- PIZA, M. V. 2012. *O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica*. Brasília, DF. Monografia. Universidade Federal de Brasília. 48 p.
- RAFAELI, S. 1988. Interactivity. From New Media to Communication. In: R. P. HAWKINS, J. M. WIEMANN & S. PINGREE (eds.), *Advancing Communication Science: Merging Mass and Interpersonal Processes*, Newbury Park, p. 110-134.
- RASTIER, F. 2001. *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF, 320 p.

ROSA, R., GONÇALVES, M. 2020. Géneros de texto e as dimensões do suporte. *Revista Da Associação Portuguesa De Linguística*, (7):263-274. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln7ano2020a16>

STEUER, J. S. 1992. Defining Virtual Reality: Dimensions Determining Telepresence. *Journal of Communication*, **42**(4):73-93. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1992.tb00812.x>